



AUTORIDADE INTERGOVERNAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO +

COMPROMISSO DE PAZ NO SUDÃO DO SUL (2015)

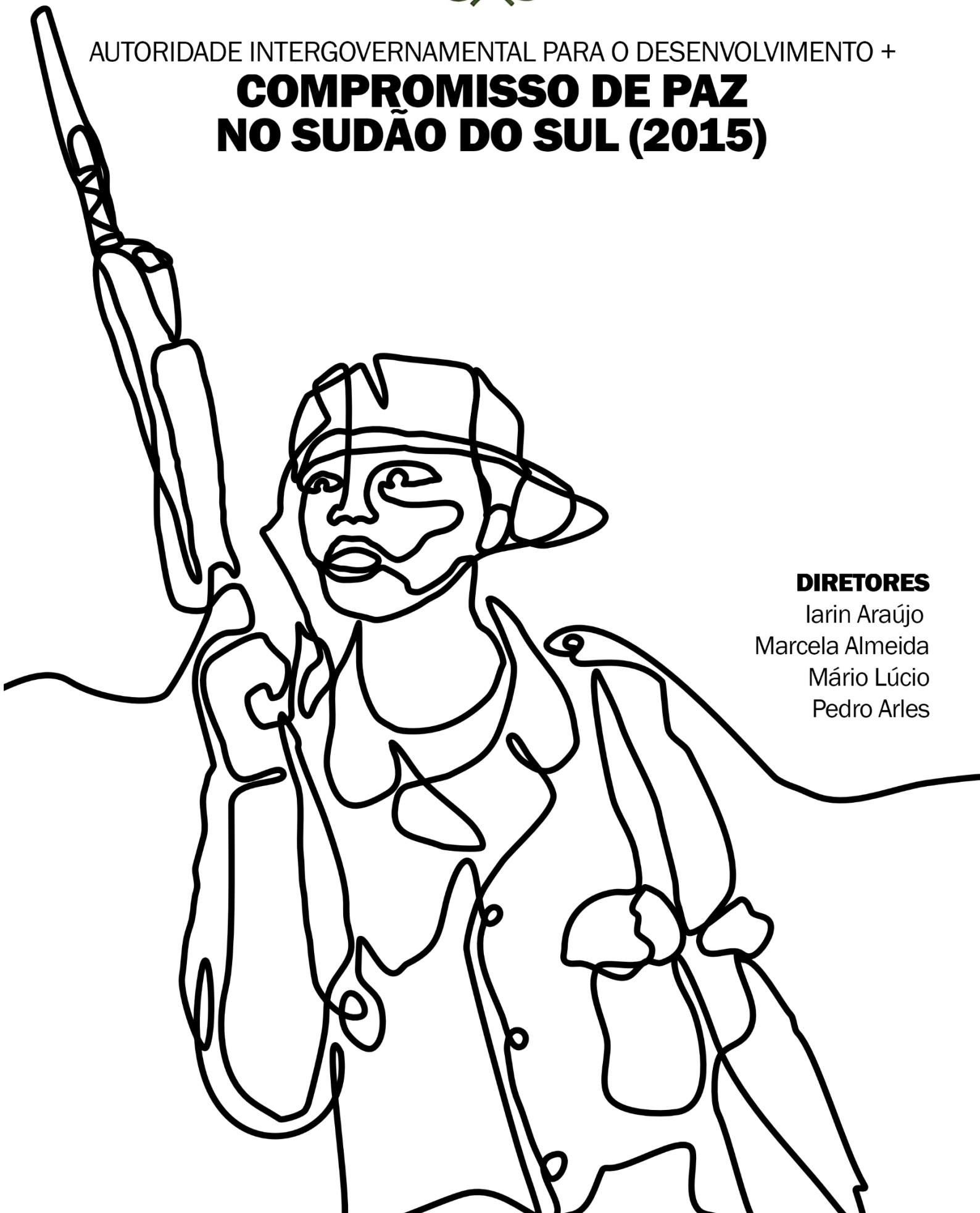
DIRETORES

Iarin Araújo

Marcela Almeida

Mário Lúcio

Pedro Arles



Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. A COLONIZAÇÃO DO SUDÃO	6
3. INDEPENDÊNCIA DO SUDÃO DO SUL	9
3.1 A entrada do SPLA no conflito	9
4. O NOVO PAÍS	11
4.1 A primeira eleição	11
5. A GUERRA CIVIL NO SUDÃO DO SUL.....	13
5.1 Agravamento do Conflito.....	16
6. SOBRE O COMITÊ.....	20
6.1 Contexto de criação	20
6.2 Estrutura Organizacional.....	21
6.3 Intervenção do IGAD no Sudão do Sul	22
6.4 A Reunião de agosto de 2015.....	23
7. PERGUNTAS A SEREM RESPONDIDAS	24
Anexo: Mapas da Região do Sudão do Sul.....	25
Apêndice: Infográfico-resumo.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

Lista de Figuras

Figura 1 - Oleodutos e Áreas de Produção de Petróleo (fonte: BBC)	4
Figura 2 - Mapa África Colonial (1924) (fonte:washingtoncandido)	6
Figura 3 - Distribuição dos Grupos Étnicos (fonte: BBC).....	7
Figura 4 - Riek Machar e Salva Kiir nas comemorações da independência em 2011 (fonte: Irish Times)	12
Figura 5 - Kiir de traje militar durante a coletiva de imprensa (fonte: Irish Times)	15
Figura 6 - Estados Membros do IGAD	20
Figura 7 - Períodos de Seca por País de 1970 a 2004 na África Subsaariana	21
Figura 8 - Mapa de Referência: Estados, Capitais e Etnias do Sudão do Sul..	25
Figura 9 - Focos de Violência, Fluxo de Refugiados, Número de refugiados e deslocados (fonte: Le Monde Diplomatique)	26
Figura 10 - Refugiados nos países do IGAD (fonte: IGAD)	26

1. INTRODUÇÃO

O Sudão do Sul é o país mais novo do mundo. Conquistou sua independência da República do Sudão em 2011 e tornou-se Estado-membro da Organização das Nações Unidas (ONU) no mesmo ano. O país possui grande riqueza em petróleo – aproximadamente 75% das reservas de petróleo do antigo Sudão ficaram no novo país – no entanto, os oleodutos que ligam as reservas ao Mar Vermelho, ilustrados na Figura 1, passam pelo Sudão e a extração do petróleo tem estado na mão de empresas estrangeiras.

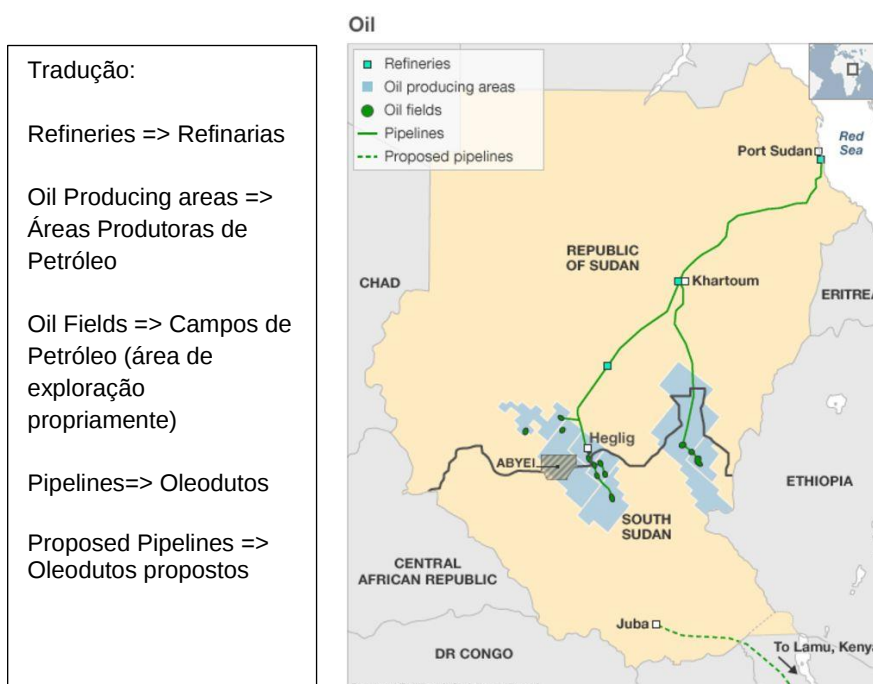


Figura 1 - Oleodutos e Áreas de Produção de Petróleo (fonte: BBC)

Anos de luta foram capazes de unir os mais de 60 grupos étnicos diferentes em um ideal comum: obter a independência. Dentre esses grupos, os que mais se destacam nos meios políticos são os Dinkas, o maior deles, que correspondem a mais de um terço da população, e os Nuer o segundo maior, com quase 16%¹.

¹ O Jornal francês *Le Monde Diplomatique* diz que não há um censo confiável, mas estima-se que o grupo étnico Dinka corresponda a 40% da população sul sudanesa. Segundo PRUNIER (2014) “Ela forma uma ‘tribo’ tão grande que é subdividida em ‘seções’ que geralmente se comportam como entidades autônomas. O mesmo vale para o Nuer, o segundo maior grupo étnico do país.”

Antes da colonização, os grupos majoritários eram povos agropastoris, sendo essa a principal atividade para o auto sustento deles. Um dos diversos relatos da origem da rivalidade entre as duas etnias é de que alguns grupos Dinkas não foram resistentes à colonização britânica, sendo mais privilegiados, diferente dos Nuers, que não aceitavam tal intrusão. Isso gerou embates, uma vez que os Dinkas trataram os Nuers com hostilidade durante esse período, o que acabou se alastrando até o conflito atual.

Os Dinka, grupo do qual o atual presidente Salva Kiir faz parte, foram os principais representantes da guerrilha pela independência do país, juntamente com os Nuer, grupo do ex vice-presidente, Riek Machar e atual líder do grupo opositor ao governo. Eles se juntaram na guerra pela independência, mas, posteriormente, a questão étnica voltou a ser uma rivalidade.

Quanto à religião, as crenças religiosas destes grupos são tradicionais: ambos acreditam num único Deus e também em espíritos, porém de maneiras diferentes. A população sul-sudanesa é em sua maioria animista (a crença de que todas as entidades presentes na natureza têm uma alma) ou cristã, porém bastante diversa. Bem diferente da população sudanesa, que em sua maioria é islâmica, o que acabou se tornando mais um motivo para a luta separatista.

Grupos cristãos apoiavam o Sudão do Sul durante o seu processo de independência desde o seu início. Os Estados Unidos, por exemplo, interferiram no conflito justificando questões religiosas, colocando o país como uma das prioridades na política externa após a posse do presidente George W. Bush, por ser cristão assim como os sul sudaneses e se sentir sensibilizado com tal luta.

rivalidades entre si em uma mesma região colonizada. Isso acabou gerando diversos conflitos que perduram na atualidade.

O maior empecilho para o governo dos britânicos no Sudão foi essa diversidade ideológica e cultural presente na população, como ilustra a Figura 3. Um exemplo é a permissão dos ingleses para permanência do islamismo como religião dominante ao norte do país, enquanto, no sul, o cristianismo e suas vertentes tornaram-se predominantes por influências europeias. Além disso, a língua inglesa foi incorporada no dia a dia dos sulistas, ao contrário dos moradores do norte, que mantiveram a língua sudanesa tradicional. Assim, enquanto a parte norte perpetuou as raízes africanas, a parte sul tornou-se um reflexo da colonização no aspecto religioso e cultural.

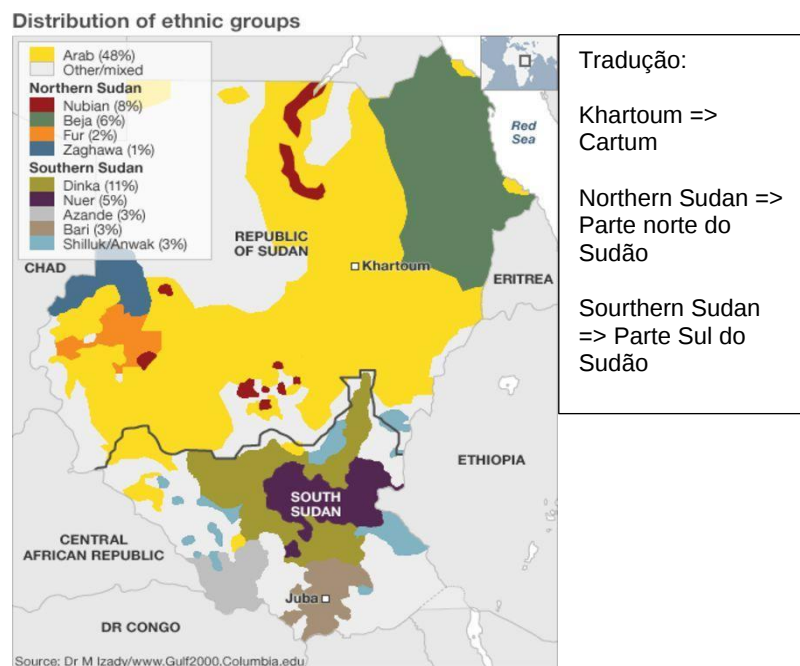


Figura 3 - Distribuição dos Grupos Étnicos (fonte: BBC)

A colonização britânica também provocou um desenvolvimento econômico desigual entre o norte e o sul do Sudão, em decorrência dos investimentos feitos em uma região e não na outra. Os ingleses instalaram-se em Cartum e concentraram seus esforços e recursos ao norte, trazendo ferrovias e telégrafos, ao contrário do sul, que permaneceu sem grandes obras de infraestrutura.

Depois da Segunda Guerra Mundial e percebendo o crescente nacionalismo, o governo vigente no Sudão resolveu realizar várias mudanças estruturais na administração, incluindo sudaneses na Assembleia Legislativa. Tal decisão desagradou os egípcios, que anularam o acordo realizado com os britânicos e proclamaram que o território sudanês estava sob seu domínio.

O Egito requisitou que os britânicos abandonassem o Sudão, exigindo o reconhecimento da sua soberania sobre o país. Líderes populares no Sudão agiram e conseguiram colocar políticos alinhados com os interesses sudaneses no poder em Cairo, capital do Egito. Em 1953, com influência daqueles políticos, Reino Unido e Egito, assinaram um acordo com os termos da independência do Sudão. Após um período de transição, onde houve eleições para o parlamento, o governo passou para os sudaneses. Assim, em 1953, todo o território do Sudão foi oficialmente declarado um único país independente.

3. INDEPENDÊNCIA DO SUDÃO DO SUL

Como explicado, desde a sua época de colônia, o Sudão é um país segregado devido as suas fronteiras impostas pelas corridas imperialistas. O território unia povos e etnias muito diferentes, além de paisagens e climas antagônicos em seus extremos. Além disso, a parte norte era de maioria islâmica, buscando impor a sharia² na parte sul, de maioria animista e cristã. Em 1953, quando enfim saíram do domínio egípcio e inglês, as divergências tornaram-se ainda mais aparentes, pois um líder para todo o país era esperado e nenhuma das opções poderia representar os interesses do norte e do sul ao mesmo tempo. A partir desse momento, muitos líderes militares regeram o país no intuito de manter uma integridade.

Anos de conflito político e de pequenos combates culminaram em um ponto crítico em 1962, quando as tropas separatistas sulistas começaram suas atividades. Trazendo um acalento para a revolta da parte sul, em 1969, Jaafar Muhammad Numeiri, um comandante simpático aos separatistas, derrubou o regime vigente e se tornou governante.

A princípio, Numeiri buscou seguir políticas econômicas baseadas no socialismo, fundando, inclusive, o Partido da União Socialista do Sudão. Para findar os conflitos até então existentes, ele resolveu, em 1972, assinar um acordo que determinava e prometia a independência tão desejada dos povos do sul. Entretanto, sua política começou a ficar difusa, os aspectos capitalistas e expansionistas se infiltraram, e em 1978, quando foi descoberto o potencial petrolífero da porção de terra ao sul, sua reação foi encerrar as negociações.

3.1 A entrada do SPLA no conflito

O fim da colaboração do presidente de forma definitiva trouxe um novo fôlego aos rebeldes e consolidou efetivamente uma nova guerra civil a partir de

² Sharia ou Xaria é, resumidamente, um conjunto de leis baseadas no Alcorão. Nos países onde a sharia domina, não há separação entre direito e religião, assim, as leis são baseadas nos princípios religiosos do islamismo e nos ensinamentos deixados pelo profeta Maomé no Alcorão, o livro sagrado para o islã.

1983, que iria durar até 2005, deixando cerca de dois milhões de mortos. Porém, agora emergiram forças mais organizadas dentre os separatistas, dentre as quais o partido político chamado Movimento Popular de Libertação do Sudão, ou SPLM em inglês, um movimento de insurgência.

“A rebelião de 1983 não só foi desencadeada pela política do presidente Numeiri de erodir o acordo Addis e de islamizar o país, mas também foi resultado de lutas internas de poder por parte dos políticos do sul. No início, o Partido Popular de Libertação do Sudão definiu-se como um movimento nacional com uma orientação marxista que não estava confinada ao sul. Declarou como seu principal objetivo: “O Novo Sudão”, um estado unido e secular que proporciona justiça social, econômica e política para os povos marginalizados das periferias. Assim, o referido partido também atraiu apoio do norte do Sudão, particularmente as Montanhas Nuba e o Nilo Azul”. (The Sudanese press after separation – Contested identities of journalism, pag 34, 2012)

É importante ressaltar o caráter extremista do novo partido. O SPLM possuía sua subdivisão armada, um exército, conhecido pela sigla SPLA que agia em seu nome, fora das paredes diplomáticas. Além do desejo pela independência, tinha fortes críticas à elite burguesa, o que levava a promover a militarização da população, em regimes de disciplina rígidos, com atos de violência frequentes. A mídia internacional ajudou o povo sul sudanês criar uma imagem de “povo cristão oprimido”, essa “fama” atraía muita ajuda financeira de países como EUA, que usava desta prerrogativa para se estabelecer politicamente em uma terra tão rica em recursos naturais.

O cessar fogo veio com a assinatura do Comprehensive Peace Agreement (Acordo da Paz Global), que determinava um governo conjunto de representantes dos dois lados num período de seis anos, quando uma votação seria feita para que a população do sul escolhesse a independência ou união. Durante esse período, negociações de tempos em tempos deveriam indicar um progresso no processo. Em 2011, 99% da população sulista votou para a separação da parte norte, nascendo o mais novo país do mundo, o Sudão do Sul.

“O Sudão do Sul foi formado pelos 10 estados sudaneses mais ao sul do país. O território é majoritariamente plano, de clima tropical e rico em petróleo. Sua população é bastante diversificada, linguística e etnicamente, sendo que as etnias mais numerosas são os Nuer, os Shiluk e os Dinka, sendo a última a etnia mais numerosa do país e da qual o presidente Kiir faz parte” (SOUTH SUDAN PROFILE..., 2015).

4. O NOVO PAÍS

Agora um novo País, a autonomia do Sudão do Sul não estava totalmente garantida. Aspectos operacionais, como a moeda, deveriam ser decididos, bem como os limites das fronteiras, os direitos de influência e atuação da relação entre os sudaneses e os sul-sudaneses em cada um dos territórios. Além do ponto mais crítico: o petróleo, do qual o país já dependia quase que exclusivamente³ e ainda era totalmente dependente dos oleodutos do Sudão, do qual acabara de se separar. A realidade mostrava que os conflitos e guerras geraram grandes gastos, deixando uma economia instável e inviável para o país se erguer. Faltavam estradas e escolas, além de cuidados básicos para a população.

Os primeiros anos já apresentaram inconstâncias na paz, principalmente em relação ao seu vizinho do norte. Nesse sentido, em 2012, a ausência de autonomia dos oleodutos quase parou a economia do novo país, quando o Sudão, acreditando que as taxas cobradas pela utilização de dutos eram desvantajosas, interditaram a passagem, causando uma fagulha que fez com que as fronteiras fossem invadidas nos dois países.

4.1 A primeira eleição

O primeiro presidente do Sudão do Sul foi John Garang, nomeado durante o período de governo conjunto em 2005. Nesse período, o governo do Sudão era dividido entre um representante da parte norte do país, que ocupava o cargo da presidência, e um representante da parte sul, que ocupava a vice-presidência. Sendo assim, John Garang era presidente do Sudão do Sul e, ao mesmo tempo, vice-presidente do Sudão. Ele possuía fortes relações com o Partido Movimento Popular de Libertação do Sudão, inclusive esteve em sua liderança como

³ Em 2012, ano seguinte a independência, o Sudão do Sul exportou o equivalente a 575 milhões de dólares em petróleo, o que correspondeu a 99,8% do valor total de exportações. Nos anos seguintes a situação não melhorou muito, pois a exportação do petróleo caiu para 99,2%.

presidente. Misteriosamente, ele morreu em um acidente de helicóptero dias após assumir o cargo no governo.

Um novo presidente para o partido tinha que ser eleito. Salva Kiir foi, portanto, escolhido, tornando-se vice-presidente do Sudão e presidente do Movimento de Libertação do Povo do Sudão (SPLM). Ele manteve o acordo de paz recém assinado por Garang e de forma ágil se colocou na organização política.

Seu discurso foi fundamental para o processo de independência, tendo como estratégia a cativação do público. A utilização de palavras simples e a comunicação com a realidade popular lhe renderam o carinho e afeto do povo, diferente de Garang, que era um intelectual. Sua ideia de “seja um cidadão de ‘segunda classe’ no Sudão ou uma ‘pessoa livre’ em sua própria pátria” trouxe segurança e consolidou a justificativa do desejo pela independência das massas.

"Muitos analistas políticos e líderes de opinião em todo o mundo o descrevem como o Josué bíblico que tomou o manto da liderança de Moisés, assim como os israelitas estavam prestes a entrar em Canaã e estabelecer os fugitivos na Terra Prometida" (Site do Governo do Sudão).

Como era de se esperar, na primeira eleição do Sudão do Sul como um país, ele foi eleito com 92,99% dos votos. Entretanto, boatos e suspeitas da oposição reportaram que houve intimidação e manipulação da população no processo eleitoral. Mesmo com as suspeitas, Salva Kiir manteve-se no cargo até que o processo de independência chegasse ao fim. Quando isso ocorreu, Salva Kiir assumiu o cargo de presidente e trouxe Riek Machar, Nuer, PhD em Engenharia Mecânica e Co-Presidente do Comitê Político Executivo Conjunto do SPLM para a vice-presidência.



Figura 4 - Riek Machar e Salva Kiir nas comemorações da independência em 2011 (fonte: Irish Times)

5. A GUERRA CIVIL NO SUDÃO DO SUL

Mesmo em um contexto fértil para conflitos, não haveria como este começar sem um estopim. O ponto de partida para a guerra civil que avassala o Sudão do Sul é indubitável: dez dias antes do natal de 2013, tiros foram trocados entre soldados Nuer e Dinka do mesmo batalhão responsável pela guarda presidencial. Segundo o *SouthSudanNation.com*, a troca de tiros entre tais soldados engatilhou conflitos por toda Juba, capital sul-sudanesa, e, de acordo com o presidente, tratava-se de um golpe, que como tal, fora duramente repreendido por suas tropas leais.

Entretanto, essa troca de tiros inicial não foi gratuita, a motivação foi política e sustentada pelos conflitos étnicos. Para entender tal alavanca, é necessário retornar a 2012, quando a pressão internacional fez com que o país marcasse uma nova eleição para 2015. Kiir já logo se cotou, mas, diferente do que pensava, mais 3 nomes de peso declaram a intenção de concorrer à presidência: Rebecca Nyandeng, viúva de Garang; Pagan Amum, secretário-geral do partido do Movimento Popular de Libertação do Sudão (em inglês: SPLM) e o então vice-presidente, Riek Machar.

Esta declaração não foi bem recebida pelo então presidente, Salva Kiir, que decretou a retirada dos poderes políticos do seu vice. Não satisfeito, Kiir dissolveu o gabinete de Machar e, meses depois, iniciou uma reforma de todas as estruturas executivas do SPLM incluindo o Bureau Político (PB), responsável por analisar os documentos que serviam de base governo e o Conselho de Libertação Nacional (NLC), que atua como “parlamento” do partido e para votar os documentos supracitados. Além disso, cassou o mandato do Secretário-Geral do SPLM, sobre o pretexto de corrupção, destituiu todos os ministros e dois governadores, de Unidade e de Lagos⁴.

⁴ Segundo analistas, com exceção da demissão dos dois governadores, todas as outras foram constitucionais. A do vice estava prevista no nos termos do n.º 2 do artigo 104.º da Constituição transitória. Já as dos ministros foi dada por Ordem Republicana, artifício previsto em lei.

Como consequência, duas vertentes se formam no partido: os que faziam parte do governo e o apoiavam e aqueles que foram retirados de seus cargos ou que perderam seu poder e já não reconheciam mais a liderança de Kiir. Este grupo não ficou inerte, pelo contrário, no dia 6 de dezembro de 2013, reuniram a imprensa e esclareceram a situação que o governo vivia. Para tal, listaram uma série de indicações do presidente que não consideraram outras etnias que não a do próprio; mostraram como ele ignorava as pretensões diplomáticas⁵; denunciaram o bloqueio de poder dos cargos e como enganaram a população com uma dívida de 4,5 bilhões de dólares.

Dois dias depois, em 8 de dezembro de 2013, o grupo pró governo foi ao público no mesmo local da coletiva anterior e contou a sua versão dos fatos. A principal acusação foi relativa à moral da oposição, já que o governo estava trabalhando fortemente em todos os processos que recebia. Relataram a imprensa que as demais acusações eram falsas e que todas as ações foram realizadas com respaldo legal e que, na verdade, tratava-se da maior reestruturação do executivo desde a independência. Além disso acusaram a oposição de baderna e de tentar difamar o presidente Kiir.

O Conselho de Libertação Nacional (NLC), que seria extinto nas reformas de Kiir, marcou uma reunião para que fossem discutidos os documentos que servem como base ao partido. A reunião final ocorreu dia 15 de dezembro, pouco antes dos tiros em Juba. Em forma de protesto contra as reformas e como resultado da difamação que Kiir promoveu contra seu ex-vice, e mesmo almejando reformas ditas pró democracia que só poderiam ser realizadas naquela reunião, Machar e seu grupo não vão ao encontro, que conclui seus trabalhos rapidamente e sem debates substanciais. Mas, receoso de um golpe, Kiir ordena o desarmamento da guarda presidencial.

O que aconteceu em seguida foi rápido e mudou a história do país. O Major General Marial Ciennoung saiu da reunião antes de seu término para ordenar o desarmamento do Batalhão Tigres, composto por Dinkas e Nuers, que, aos olhos do presidente, almejavam o golpe. Chegou ao Quartel General no subúrbio de Juba e realizou o desarmamento. Depois que se dispersaram por

⁵ Pretensões diplomáticas são, resumidamente, as bases, para a construção de um governo democrático.

completo, clamou o retorno de todos os Dinkas e os rearmou. O vice de Marial, que era Nuer, estranhou a movimentação e foi em busca do Major General. Ao encontrá-lo, discutiram energicamente sobre a ordem dada.

Alguns soldados Nuer, estranhando a discussão, foram ao local sorrateiramente e ficaram revoltados com o que escutaram. Estes soldados se reuniram aos demais de sua etnia, invadiram o depósito e se armaram, iniciando os combates em Juba. Como resposta, tropas leais ao presidente entraram no conflito, que se estendeu por toda a cidade, massacrando Nuers independentemente de fazerem ou não parte da revolta. A coletiva de imprensa, realizada na manhã seguinte por Kiir não só glorificou aqueles soldados Dinka, como deixou claro que mais ações seriam tomadas.

“À luz do recente desenvolvimento [do conflito] em que alguns companheiros saíram para desafiar minhas decisões executivas, devo avisá-los que esse comportamento é equivalente à indisciplina, o que nos levará de volta aos dias de separação de 1991.” (Salva Kiir em entrevista coletiva, 2013)



Figura 5 - Kiir de traje militar durante a coletiva de imprensa (fonte: Irish Times)

O ocorrido em Juba ampliou ainda mais o grupo contra o Kiir. A oposição passou a ser conhecida por três nomes: "Forças contra o Governo" (AGF), SPLM-Em-Oposição (SPLM-IO), ou "A Oposição". Segundo o HSBA (The Human Security Baseline Assessment for Sudan and South Sudan), essa oposição pode ser classificada em 5 grupos. São eles: O SPLM-IO Político, sob a liderança de Riek Machar; Os políticos Nuer em exílio e membros antigos do SPLM presos; Os militares do Alto Nilo que declararam lealdade a Machar; As forças Nuer do "Exército Branco"⁶ do Alto Nilo; e a elite do Sudão do Sul. Sobre esta última, o HSBA especifica que não é abertamente contra o governo, mas suas ações não convergem mais aos interesses dele.

⁶ Exército Branco Nuer é um nome para uma organização armada formada por Nuers do centro e leste do Alto Nilo e que atua desde 1991.

5.1 Agravamento do Conflito

No dia 16, depois da coletiva de Kiir, onze dos políticos que tinham se aliado a Machar foram presos. Contudo, ele e mais três conseguem fugir de Juba e ir para Bor, ao norte de Juba, de barco. No dia 18 de dezembro, já em Bor, Machar faz seu primeiro pronunciamento apontando Kiir e sua guarda como grandes culpados. Logo após, Peter Gadet Yak, Comandante da 8ª Divisão do SPLA, anuncia que está desertando e se rebelando contra as forças do governo. Sua divisão era majoritariamente Nuer e se rebelam também, derrotando algumas forças leais ao governo, promovendo uma chacina na cidade cuja a maioria da população é Dinka.

Demora mais um dia para Machar confirmar que está em rebelião aberta contra o governo e pedir ao SPLM e para o SPLA derrubarem Kiir. Durante esse tempo, os conflitos se cessaram em Juba e a população buscou ajuda nos campos da ONU, numa movimentação de quase 13 mil pessoas só na capital. Não só esse, como também os demais complexos espalhados pelo Sudão do Sul foram sinônimo de refúgio, até que os dois lados promoveram ataques aos campos. O primeiro aconteceu no campo de Akobo, resultando na morte de dois capacetes azuis indianos e mais de 30 civis Dinka.

A movimentação das tropas chamou a atenção dos países vizinhos, em especial de Uganda, que, sem ver uma real ação dos capacetes azuis ou do próprio IGAD⁷, foi endossada por Salva Kiir a adentrar com suas forças especiais das Forças de Defesa do Povo Ugandense (UPDF) e resgatar os seus cidadãos. A ação foi além do resgate e atacou os rebeldes em Bor com jatos, os bombardeando. Ainda em 21 de dezembro, os EUA falham em realizar o mesmo que as forças ugandenses e têm um dos seus três US Air force V-22⁸ abatido por rebeldes, precisando de uma frota de quatro helicópteros para retirar cerca de quinze pessoas de Bor.

⁷ IGAD é a sigla em inglês para Autoridade Intergovernamental de Desenvolvimento, um bloco formado por países do leste africano e que será melhor descrito capítulo 5.

⁸ O Bell Boeing V-22 Osprey é uma aeronave militar multifunção, que consegue realizar pousos e decolagens verticais, tal qual um helicóptero, ou seja, sem demandar gigantescas pistas de aeroporto. Seu custo aproximado é de 71 milhões de dólares.

Fato é que essas ações surtiram efeito. Peter Gadet Yak, que ora comandara a ocupação de Bor, toca suas tropas leais em retirada e o governo de Kiir retoma o controle da cidade. O que não aconteceu no norte do país. O Alto Nilo, grande explorador de petróleo, teve sua capital tomada pelos rebeldes, e grande parte do território de Unidade, também estava nas mãos dos fiéis a Machar.

No domingo, uma semana depois do início dos conflitos, enviados especiais dos Estados Unidos e a Nigéria foram à Juba após uma visita do ministro das Relações Exteriores não ter sucesso em conversas de paz e o pedido pelo fim da violência do chefe da ONU, Ban Ki-moon não ser atendido. Em entrevista, Toby Lanzer, coordenador humanitário da ONU estimou o número de mortos em decorrência do conflito naquela semana em ao menos 1.000 pessoas, já o número de refugiados internos provavelmente beirava a casa de 100.000 pessoas.

O natal de 2013 ficou marcado pelo discurso de Kiir. Na capital de Santa Teresa, em Juba, o presidente reconheceu assassinatos na capital e diz que os autores de tamanhas barbáries estavam lhe deixando “destruído”. Mas tão logo acabou o dia santo, caças MiG-29 da força de Uganda bombardeiam os entornos de Bor afim de massacrar de vez os rebeldes. O ataque não foi tão efetivo quanto eles imaginavam.

No âmbito diplomático, do dia 27/12 foi marcado por uma reunião extraordinária do IGAD, que se pronunciou pela primeira vez. Nela, o bloco soltou nota condenando as mudanças de governo através do uso da força e agradeceu o esforço da República do Uganda em assegurar infraestruturas básicas no Sudão do Sul. A próxima declaração só viria dia 30 de dezembro, pelas vozes do presidente de Uganda em visita a Juba. Nela ele declara que o bloco "deu a Riek Machar quatro dias para responder e se ele não efetivamente responder, nós teremos de ir até ele, todos nós".

Avistando um possível cessar-fogo e uma conseguinte negociação de paz, os rebeldes se apressam em conseguir domínio de mais territórios, com eles, Machar teria mais poder de barganha nas reuniões. Mas os rebeldes tinham uma desvantagem imensa: não possuíam apoio aéreo, algo fundamental em

termos de logística. Assim, as tropas leais a Machar dependiam de automóveis civis saqueados durante o período de controle de Bor e dos poucos blindados do batalhão de Peter Gadet Yak.

No dia 11 de janeiro suas previsões se confirmam e um grupo foi enviado pelo IGAD, os EUA e a União Europeia para se encontrar com Machar. Os rebeldes nessa altura já tinham dominado e perdido o controle de várias cidades importantes, inclusive de cidades estratégicas na exploração petroleira, além de manter sobre controle a cidade de Bor. Todo esse poderio inflou o peito de Machar que disse que só aceitaria um cessar fogo se os seus 11 companheiros presos em Juba fossem libertos.

Na semana seguinte, depois da recaptura de Bor pelas forças do governo, o tratado para cessar as hostilidades é firmado. Poucos dias depois, sete dos onze presos são libertados, no que se torna um marco nas negociações de paz. As reuniões não pararam por ali, mas a produtividade delas estagnou. Em 3 de março de 2014, o IGAD não conseguiu firmar um dos acordos que poderia acabar de vez com o conflito, muito por conta do tópico principal: a composição de um governo interino⁹.

As reuniões do IGAD retomam em 13 de março, sem representantes do governo ou dos rebeldes. Na cúpula decidiu-se por criar uma “força regional de estabilização no Sudão do Sul”, provisoriamente denominada Força de Proteção e Dissuasão (PDF). O documento elogia a atuação da Uganda no conflito, porém a força criada pelo IGAD tem o intuito de retirar a intervenção ugandense e talvez facilitar as conversas de paz.

O caso chega ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, em reunião do dia 23 de abril de 2014. De lá, o embaixador francês afirmou que, após rever relatórios e concluir que houve um massacre na cidade de Bentiu, com a morte de mais de 400 civis, “o Conselho, incluindo a China, está agora ponderando o uso de sanções”. Com tal pressão, as conversas voltaram a acontecer e ambas partes prometem abrir “corredores humanitários” incondicionalmente. Além de

⁹ Um governo interino é um artifício usado quando se deseja realizar uma transição política. Tem caráter provisório e termina, normalmente, quando um novo governo pode ser definido.

"30 dias de tranquilidade" para permitir que a população realize plantios e evitem mais calamidade de fome.

Pouco se fez de diferente no âmbito diplomático de abril de 2014 a janeiro de 2015. As reuniões abriam e fechavam com promessas de cessar fogo raramente cumpridas em sua integralidade. Na realidade, nem a própria reunião de janeiro rendeu muito, restando, servindo apenas para confirmar a necessidade de uma nova reunião onde pudesse se realizar acordos mais amplos.

Mas é nesse período que outros grupos surgem, ou melhor, deixam de atuar sob a figura de Riek Machar para assumir nome e objetivos próprios, apresentando mais um risco de não se alcançar a paz. A razão era quase sempre a mesma: as tropas e seus comandantes não concordavam com tantas cessões feitas por Machar durante as reuniões. Além disso, o estilo de guerra promovido pelos rebeldes era próximo ao de guerrilhas, o que deixava os comandos muito difusos pelo território e gerava soldados fiéis não mais a Machar, longe e culto, mas sim ao comandante direto do batalhão.

A verdade é que a oposição não era tão organizada quanto o governo. Aqueles cinco grupos que a compunham tinham só um ponto em comum, o não reconhecimento de Kiir no poder, mas isso foi se modificando conforme ele passou a negociar diretamente com algumas das quase 20 facções envolvidas no conflito.

A maior perda para Riek Machar veio em agosto de 2015, pouco antes das reuniões do IGAD+. Peter Gadet Yak, que compôs o lado rebelde desde o início do conflito, anunciou que se uniu ao ex-chefe de logística rebelde, Gathoth Gatkuoth, para lutar contra Machar e Kiir. Gatkuoth diz que os o presidente e o ex-vice "são símbolos de ódio, divisão e liderança fracassada", "Ambos os líderes foram responsáveis por iniciar a crise". Essa nova oposição surge ao não ver mais nenhuma preocupação com a questão da fronteira com o Sudão, que não foi definida por completo em 2005 e não estava nos tópicos das negociações de paz anteriores.

O Sudão do Sul, mais que nunca, precisa do auxílio do IGAD para sanar o conflito. Machar e Kiir acordam e a reunião acontecerá. 17 de outubro de 2015.

6. SOBRE O COMITÊ

A Autoridade Intergovernamental para o Desenvolvimento (IGAD) é um órgão africano oriental composto por oito países membros – Djibouti, Eritreia, Etiópia, Quênia, Sudão, Sudão do Sul, Somália e Uganda, localizados conforme a Figura 6. O comitê foi criado com o intuito de controlar os danos causados pelos diversos desastres naturais e secas que assolavam a região nas décadas de 70 e 80 e naquela época era conhecido como Autoridade Intergovernamental para as Secas e o Desenvolvimento (IGADD) até que em 1996 foi reformulado para incluir a Eritreia e nova estrutura organizacional, tornando-se a IGAD como conhecemos hoje. Com a sede localizada no Djibouti, o comitê se reúne pelo menos uma vez por ano e busca discutir e tomar medidas em prol do desenvolvimento das nações da região.



Figura 6 - Estados Membros do IGAD

6.1 Contexto de criação

A situação da África Subsaariana na década de 70 era preocupante: secas e desertificações na região geravam outros problemas – dentre eles a fome generalizada – por conta da economia predominantemente agrária. O continente, que já possui historicamente um solo desgastado pela exploração exagerada e mal planejada, fica em uma situação ainda mais delicada quando o

de Embaixadores. Com essa divisão, cada órgão tem uma função específica definida, tornando os encontros mais assertivos e produtivos.

- A Assembleia dos Chefes de Estado e Governo conta com um presidente eleito em rotatividade dentre as delegações. As reuniões da ACEC são feitas uma vez por ano e definem seus planos, projetos e objetivos a serem desenvolvidos até o próximo encontro, assim como indicam o Secretário Executivo, cargo de liderança do Secretariado.
- O Conselho de Ministros é composto por dois ministros de cada país membro, sendo um deles necessariamente o de relações exteriores. O Conselho se reúne a cada dois anos para decidir a agenda e a verba anual a ser disponibilizada para o Secretariado.
- O Secretariado formula e auxilia os Estados membros na elaboração de políticas e programas para desenvolvimento, além de auxiliar na captação de capital e outros recursos necessários para a implementação dos projetos. Um novo Secretário Executivo é indicado a cada quatro anos.
- O Comitê de Embaixadores se reúne sempre que julgar necessário para auxiliar o Secretariado. É composto por embaixadores e outros cargos de confiança indicados pelos líderes de cada nação.

6.3 Intervenção do IGAD no Sudão do Sul

O IGAD, desde 1983 – início do conflito na região do Sudão, desempenha um papel importante na tratativa dos problemas da região. Sua atuação como mediador, convidando países como Estados Unidos e China para acompanhar as negociações de paz, foi extremamente importante para assinatura do acordo que colocou fim à guerra civil em 2005.

Colaborou também para o processo de independência do Sudão do Sul em 2011, auxiliando na organização do plebiscito que decidiu pela separação. Outra contribuição do órgão foi com o recolhimento de fundos, investimentos e doações para auxiliar na reconstrução do país tanto após a guerra civil quanto após o processo separatista, além da elaboração de políticas para a melhora da qualidade de vida e restauração dos direitos humanos.

Em 2013, dois anos após a independência do Sudão do Sul, a república se tornou mais uma vez uma zona de guerra. O IGAD promoveu diversos encontros para mediação e resolução do conflito, mais uma vez despendendo bastante esforço para o reestabelecimento da paz.

6.4 A Reunião de agosto de 2015

Para superar todos os desafios que surgiram nas reuniões anteriores e facilitar acordos, a cúpula do IGAD realizará uma reunião com participantes de fora do bloco, no que foi denominado IGAD+. Além dos estados-membro, a reunião incluirá representantes da União Africana, ONU, e União Europeia (UE).

“A iniciativa é projetada para apresentar uma frente internacional unida atrás do IGAD para [a reunião] com os lados em guerra [...] A comunidade internacional precisa apoiar uma estratégia realista, centrada na região, para acabar com a guerra, sustentada por ameaças e incentivos coordenados. Apoiar os esforços do IGAD+ para obter o acordo das partes sobre um acordo final de paz nas próximas semanas é a melhor - mas imperfeita - possibilidade de acabar com o conflito e impedir uma maior regionalização.”
(crisisgroup, 2015)

Para essa reunião ainda restam muitos desafios, o relatório do CrisisGroup.com aponta as três principais barreiras a serem quebradas num possível acordo:

- 1) Rivalidades regionais e lutas pelo poder;
- 2) Centralização da tomada de decisões na cúpula do bloco e falta de institucionalização relacionada dentro do IGAD; e
- 3) Desafios na expansão do processo de paz para além das elites políticas do Sudão do Sul, isto é, pensando não só nos dois principais líderes, como todos aqueles não presentes nos debates em Juba.

Riek Machar e Salva Kiir estarão presentes na reunião, mesmo depois de uma serie de acordos terem de ser feitos por intermediários, pois os dois não aceitavam a presença do outro. A comunidade internacional crê nessa como sendo uma possível última reunião com o Sudão do Sul ainda em guerra.

7. PERGUNTAS A SEREM RESPONDIDAS

- 1) Quais devem ser as principais medidas para acabar com a guerra civil a curto prazo?
- 2) De qual forma os países presentes podem auxiliar na construção de uma paz longínqua à região?
- 3) Como reestabelecer um governo local considerando a pluralidade étnica da população?
- 4) De que maneira a economia local deve ser reconstruída, considerando a influência dos países presentes?

Anexo: Mapas da Região do Sudão do Sul

MAPA DE REFERÊNCIA

Estados, Capitais dos Estados e Etnias no Sudão do Sul

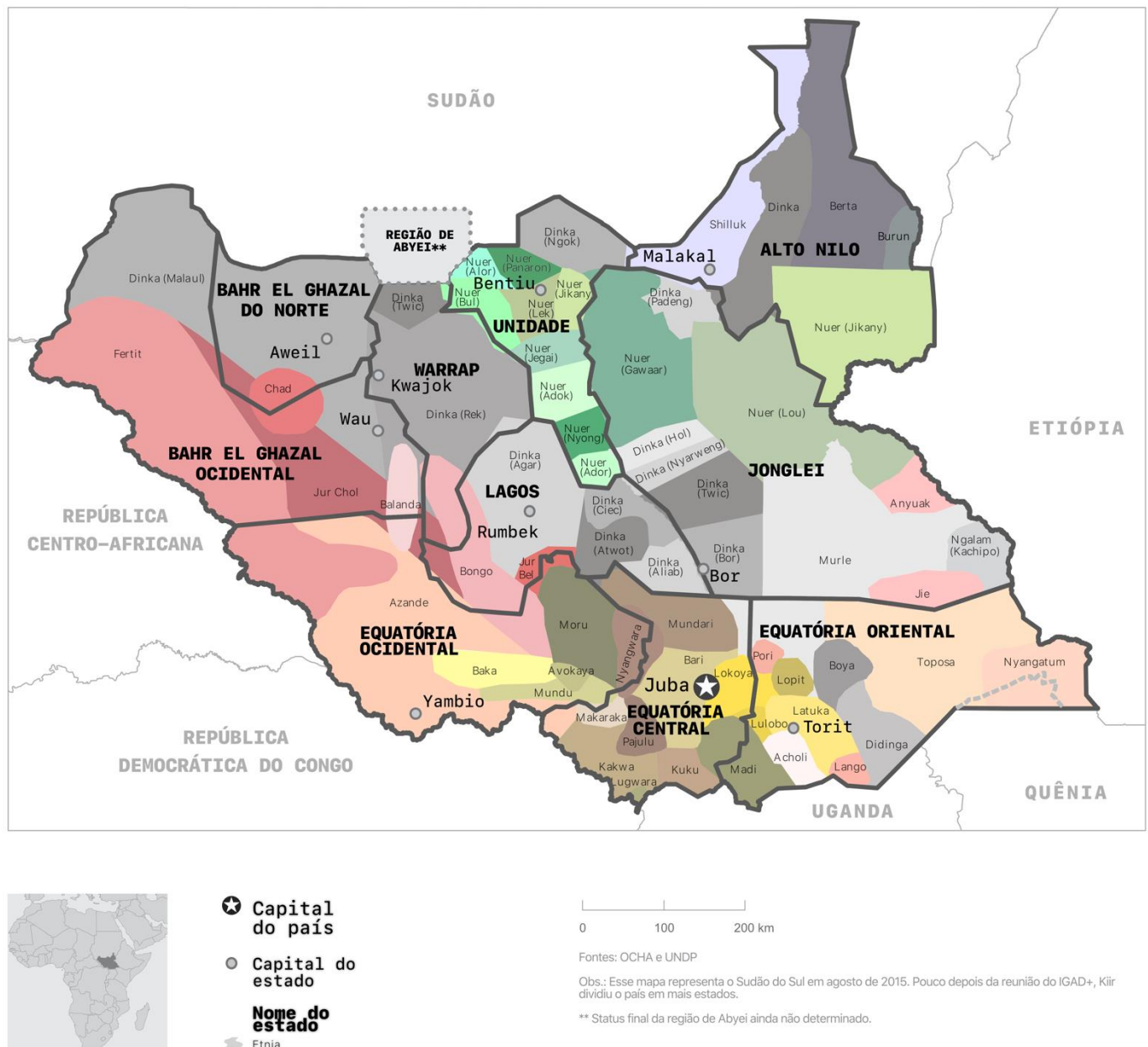


Figura 8 - Mapa de Referência: Estados, Capitais e Etnias do Sudão do Sul

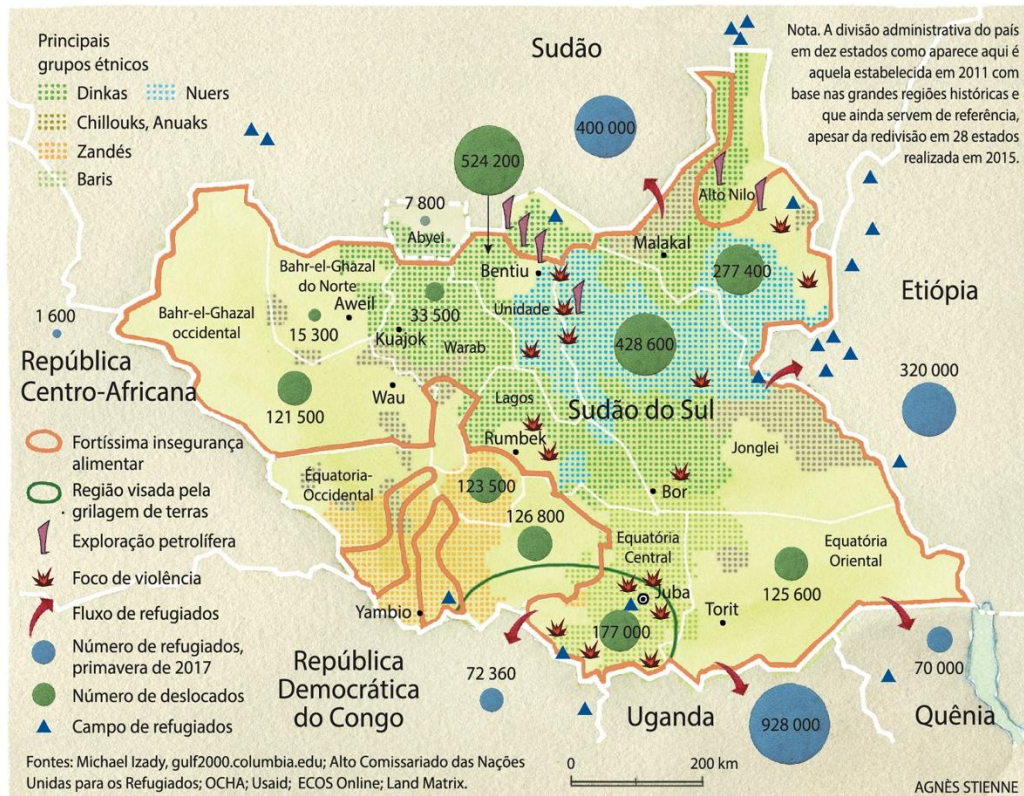


Figura 9 - Focos de Violência, Fluxo de Refugiados, Número de refugiados e deslocados (fonte: Le Monde Diplomatique)

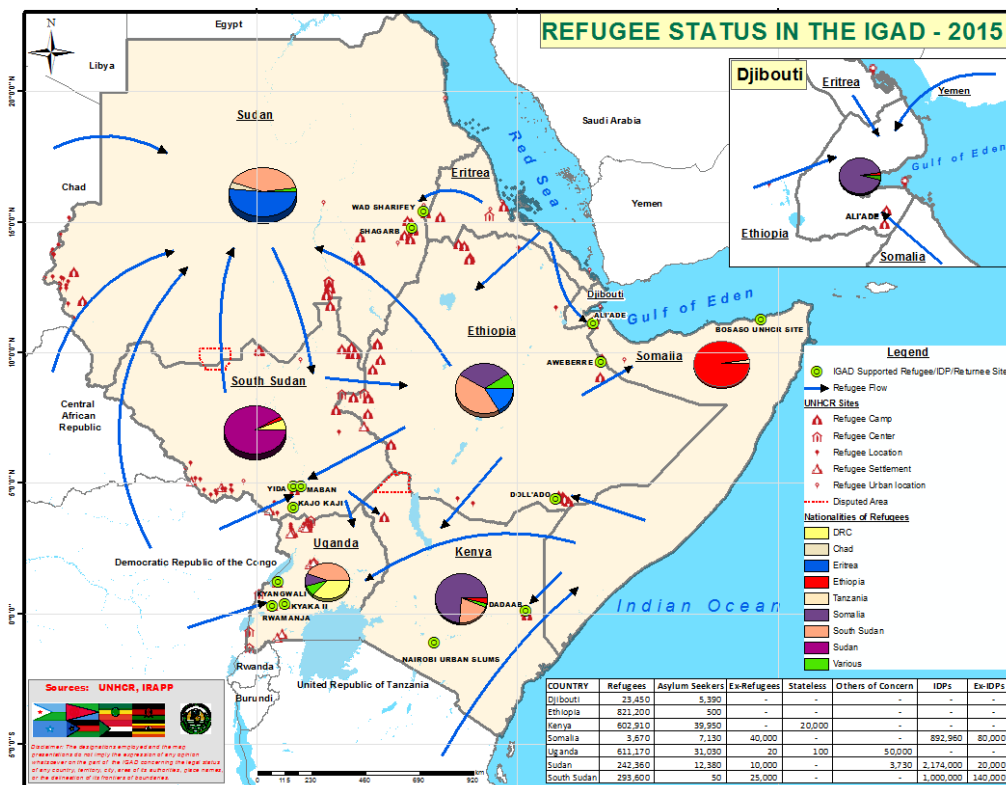


Figura 10 - Refugiados nos países do IGAD (fonte: IGAD)

INFOGRÁFICO RESUMO: A GUERRA CIVIL NO SUDÃO DO SUL

Linha do tempo

SÉCULO XIX

- Colonização do Sudão;
- Privilégios para a parte norte;

1953

- Independência do Sudão;

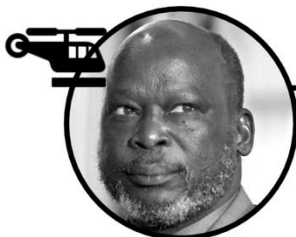
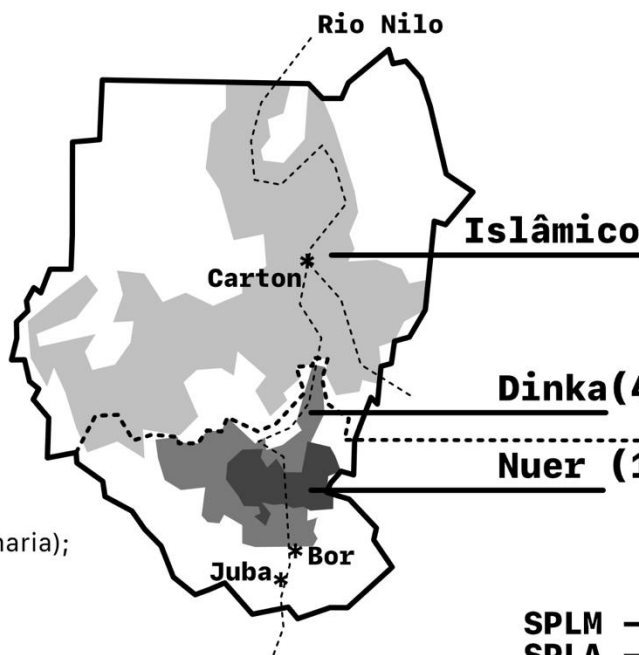
1962

- Início dos conflitos Norte x Sul;
- >>Norte: Maioria Islâmica (quer sharia);
- >>Sul: Cristã e Animista;

1983

- Surgimento do **SPLM e SPLA**
- >>Norte: Maioria Islâmica (quer sharia)
- >>Sul: Cristã e Animista;

SPLM -> Partido Político
SPLA -> Grupo Armado
(Futuro exército do Sudão do Sul)



2005

- Acordo para a independência do Sudão do Sul
- **John Garang** - Vice Presidente do Sudão;
- (Cargo para quem representava o Sudão do Sul)
- John Garang morre em acidente de helicóptero;
- Salva Kiir assume

2011

- Oficialização da independência: Kiir presidente e Machar Vice

EX VICE PRESIDENTE
RIEK MACHAR



REBELDES VS GOVERNO

SPLM-IO:
representa
os rebeldes
nas reuniões

SPLA
Partido do
Governo



PRESIDENTE
SALVA KIIR

2012

Riek Machar anuncia que se
candidatará a presidência

2013

Kiir retira os poderes
políticos de Machar

15/12/13 - Início dos conflitos em Juba

Peter Gadet Yak deserta e ajuda os rebeldes a dominar Bor

Interferência internacional
pró-governo

2014

Rebeldes se subdividem

2015

IGAD (bloco de países do
leste africano) tenta me-
diar a paz

Agosto de 2015: Reunião do IGAD+

REFERÊNCIAS

AFP. **Guerra civil no Sudão do Sul deixou quase 400.000 mortos.** 26 set. 2018.

Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/09/26/interna_internacional,991898/guerra-civil-no-sudao-do-sul-deixou-quase-400-000-mortos.shtml> Acesso em: 24 jan. 2019.

BBC. **Entenda os fatores envolvidos na independência do Sudão do Sul.**

Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/07/110708_sudaosul_q-a_pai> . Acesso em 28 de março de 2019.

BRASIL ESCOLA. **Independência do Sudão do Sul. Conflitos no Sudão do Sul.**

Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/independencia-sudao-sul.htm>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

BRITANNICA. **SUDAN – THE BRITISH CONQUEST.** Disponível em:

<<https://www.britannica.com/place/Sudan/The-British-conquest>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

BRITANNICA. **Gaafar Mohamed el-Nimeiri.** Disponível em:

<<https://www.britannica.com/biography/Gaafar-Mohamed-el-Nimeiri>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

CAMPOS, Lidia Maria Caldeira Leite. **O atual conflito no Sudão do Sul.** Disponível em:

<<https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/serie---o-atual-conflito-no-sudao-do-sul.pdf>> . Acesso em: 26 de abril de 2019.

CIA – THE WORLD FACT BOOK. **South Sudan.** Disponível em:

<<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/od.html>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

CIA – THE WORLD FACT BOOK. **Sudan**. Disponível em:
<<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/su.html>>. Acesso em:
22 fev. 2019.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Internal violence in south sudan**, 2015.
Disponível em: <<http://www.cfr.org/global/global-conflict-tracker/p32137#/?marker=33>>. Acesso em: 26 de abril de 2019.

EM. **Guerra civil no Sudão do Sul deixou quase 400.000 mortos**. 2018. Disponível em:
<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/09/26/interna_internacional,991898/guerra-civil-no-sudao-do-sul-deixou-quase-400-000-mortos.shtml>. Acesso em: 25 fev. 2019.

FORUM. **O Sudão do Sul e suas intermináveis guerras civis**. Disponível em:
<<https://www.revistaforum.com.br/o-sudao-do-sul-e-suas-interminaveis-guerras-civis/>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

GUIMARÃES, Sâmara Dantas Palmeira. **O Papel do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) na Construção do Governo da República do Sudão do Sul: A Atuação do PNUD do Período PréSecessão ao Pós-Eleição (2009-2012)**. 2013. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107274/319514.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

HISTORY WORLD. **HISTORY OF THE SUDAN**. Disponível em:
<<http://www.historyworld.net/wrldhis/PlainTextHistories.asp?historyid=aa86>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

HSBA. **Timeline of Recent Intra-Southern Conflict**. Disponível em:
<<http://www.smallarmssurveysudan.org/fileadmin/docs/archive/south-sudan/conflict-crisis-2013-15/other/HSBA-South-Sudan-Crisis-Timeline-June-2014.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

HSBA. **Conflict of 2013-15**. Disponível em:
<<http://www.smallarmssurveysudan.org/archive/south-sudan/conflict-of-2013-15.html>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

INTERGOVERNMENTAL AUTHORITY ON DEVELOPMENT. **About us.** Disponível em: <<https://igad.int/about-us>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

INTERGOVERNMENTAL AUTHORITY ON DEVELOPMENT. **Agreement on the resolution of the conflict in the Republic of South Sudan.** 2015. Disponível em: <<http://www.smallarmssurveysudan.org/fileadmin/docs/documents/IGAD-Compromise-Agreement-Aug-2015.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

INTERGOVERNMENTAL AUTHORITY ON DEVELOPMENT. **Opening Statement by the Chairperson of the IGAD Special Envoys for South Sudan.** 2015. Disponível em: <http://southsudan.igad.int/attachments/article/298/080715_EnvoysOpeningStatement.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.

JOHNSON, Douglas H. **Briefing: The crisis in South Sudan.** Disponível em: <<https://academic.oup.com/afraf/article/113/451/300/135552>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

KNOPF, Kate Almquist. **Ending South Sudan's Civil War.** 2016. Disponível em: <https://cfrd8-files.cfr.org/sites/default/files/pdf/2016/11/CSR77_Knopf_South%20Sudan.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.

MIER-LAVIN, Iliana. **Sudão do Sul enfrenta sua terceira guerra civil em 50 anos.** 28 dez. 2013. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/27/internacional/1388163693_667940.html>. Acesso em: 24 jan. 2019.

NAIRÓBI. **Is South Sudan's latest peace accord the real deal?** 26 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.thenewhumanitarian.org/news/2015/08/26/south-sudan-s-latest-peace-accord-real-deal>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

NOEL, Katherine. **Understanding the Roots of Conflict in South Sudan.** Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/understanding-roots-conflict-south-sudan>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

PAIVA, Fabiana Kent. **Sudão do Sul: independência, guerra civil e busca por estabilidade.** Disponível em:

<<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2015/12/02/sudao-do-sul-independencia-guerra-civil-e-busca-por-estabilidade/>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

PRUNIER, Gérard. **DA INDEPENDÊNCIA À MISÉRIA: Irmãos inimigos no Sudão do Sul.** 120. ed. 29 ago. 2017. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/irmaos-inimigos-no-sudao-do-sul/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

PRUNIER, Gérard. **Au Soudan du Sud, l'écroulement des espoirs démocratiques.** Disponível em: <<https://www.monde-diplomatique.fr/2014/02/PRUNIER/50075>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

REVISTA GALILEU. **Sudão do Sul: A vida no quarto país mais violento do mundo.** Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/10/sudao-do-sul-vida-no-quarto-pais-mais-violento-do-mundo.html>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

SCHNEIDER, Luíza Galiuzzi. **As causas políticas do conflito no Sudão: determinantes estruturais e estratégicos.** Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16012/000685618.pdf?sequen>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

SECURITY COUNCIL REPORT. **Chronology of Events.** 2019. Disponível em: <<http://southsudanhumanitarianproject.com/background/docb-9/>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

SUDAN TRIBUNE. **Roots of Sudanese conflict are in the British colonial policies.** Disponível em: <<http://www.sudantribune.com/Roots-of-Sudanese-conflict-are-in,25558>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

SOUTH SUDAN HUMANITARIAN PROJECT. **Major armed groups in South Sudan.** Disponível em: <<http://southsudanhumanitarianproject.com/background/docb-9/>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

SOMO. **Country Profile: South Sudan Main economic sectors and multinational companies.** 2015. Disponível em: <<https://www.somo.nl/wp-content/uploads/2016/11/South-Sudan.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

G1. Sudão do Sul chega aos 4 anos de independência em crise humanitária.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/sudao-do-sul-chega-aos-4-anos-de-independencia-em-crise-humanitaria.html>>. Acesso em: 28 de março de 2019.

THE CHRISTIAN SCIENCE MONITOR. British colonization of Sudan (1890s-1953).

Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/World/Africa/2011/0708/South-Sudan-a-timeline-to-independence/British-colonization-of-Sudan-1890s-1953>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

THE CHRISTIAN SCIENCE MONITOR. Independent Sudan ant the growing North-South divide (1953-1970s). Disponível em:

<<https://www.csmonitor.com/World/Africa/2011/0708/South-Sudan-a-timeline-to-independence/Independent-Sudan-and-the-growing-North-South-divide-1953-1970s>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

THE IRISH TIMES. South Sudan's rebels ratify fragile peace deal, says spokesman. 2015. Disponível em:

<<https://www.irishtimes.com/news/world/africa/south-sudan-s-rebels-ratify-fragile-peace-deal-says-spokesman-1.2348764>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

THE NEW HUMANITARIAN. Is South Sudan's latest peace accord the real deal?

2015. Disponível em: <<http://www.thenewhumanitarian.org/news/2015/08/26/south-sudan-s-latest-peace-accord-real-deal>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

TRIBUNE, Sudan. Sudan People's Liberation Movement (SPLM). Disponível em:

<<http://www.sudantribune.com/+SPLM-Sudan-People-s-Liberation,128-+>>. Acesso em 26 de abril de 2019.

WAAL, Alex de. When kleptocracy becomes insolvent: Brute causes of the civil war in South Sudan. Disponível em:

<<https://academic.oup.com/afraf/article/113/452/347/78186>>. Acesso em: 28 de março de 2019.